

## Apresentação

Alonso Bezerra de Carvalho

Como citar: CARVALHO, Alonso Bezerra de. Apresentação. *In*: CARVALHO, Alonso Bezerra de (org.). **Educação, ética e decolonialidade**: contribuições para a formação de professores e a prática docente. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2024. p. 9-18. DOI: <https://doi.org/10.36311/2024.978-65-5954-465-3.p9-18>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

# Apresentação

O tema da ética é sempre atual e tem proporcionado bons debates no campo da educação, sobretudo pelas situações vivenciadas por professores e professoras na sala de aula. Os desafios que emergem daí estão longe de serem resolvidos apenas com os instrumentos conceituais e práticos que têm circulado e sido trabalhados desde a formação nos cursos de licenciatura. A perspectiva epistemológica é insuficiente em dar respostas aos problemas e às necessidades que a prática docente tem enfrentado no ambiente escolar. A mera transmissão de conhecimentos e o privilégio dado à dimensão cognitiva atende até certo ponto as expectativas e as finalidades que os projetos educacionais, os planos de ensino e de aula têm se proposto realizar.

Neste sentido, esta coletânea de textos, oriundos da disciplina *Ética e Educação*, oferecida junto ao Programa de Pós-graduação em Educação, da Unesp/Marília, completada por contribuições de colegas convidados e convidadas, e com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq (Processo 100540/2024-4 / Pós-Doutorado Sênior), se funda na hipótese de que a natureza da formação ética é diferente da natureza da formação cognitiva, como também da formação afetiva e que é necessário ampliar e expandir a nossa compreensão acerca do que seja o ato educativo. Essa expansão quer ser pensada a partir de um outro olhar sobre nossa formação histórico-cultural, marcadamente colonial, o que exige de cada um nós, novos e atuais professores e

professoras, uma postura e um compromisso decolonial, de modo a tornar-se transformadora a educação que praticamos em nossas escolas e em nossas universidades, como já propunha Paulo Freire.

Em meio a todas às demandas, gritos de socorro e lamentações por parte dos/das docentes na sala de aula, o conjunto de textos aqui publicado visam, cada um a seu modo, lançar luz e colaborar nas reflexões e atitudes que são experienciadas especialmente em um momento bastante singular que é a aula. Sugiro a cada leitor e leitora que procure estabelecer um diálogo profícuo e profundo com a sua própria vida e prática formativa, tendo em vista que cada um e cada uma nós tivemos ou temos, de alguma maneira, vivências e convivências desafiadoras, problemáticas, imprevistas e surpreendentes no interior ou partir da escola.

O primeiro capítulo, intitulado *Pensar outra ética na educação: apontamentos sobre ética à luz da filosofia da diferença*, de Álefe de Souza Almeida, tem como objetivo perspectivar conceitos da filosofia da diferença para o problema da ética na educação, por meio de uma pesquisa de revisão narrativa sobre perspectivas educacionais que foram privilegiadas nas escolas brasileiras durante o século XX. A partir de pensadores contemporâneos da filosofia, o texto tem o intuito de ressoar seus conceitos na educação, entendendo-os como guias de leitura do cotidiano e do pensamento possível e vigente nas escolas, convidando-nos a uma reflexão acerca dos conceitos de *afeto*, *encontro* e *movimentos aberrantes*.

No segundo capítulo de Alonso Bezerra de Carvalho, *Reflexões para decolonizar a prática docente: as paixões humanas na sala de aula*, objetivo é considerar as paixões como uma dimensão humana que pode favorecer e indicar boas possibilidades para interpelarmos e problematizarmos a dimensão racional que, muitas vezes, cumpre um

papel colonizador e (pre)dominante no processo pedagógico e na prática docente. A partir de um problema educacional bastante concreto, que é o desafio de exercer a docência em uma sala de aula, as reflexões apresentadas são resultado de uma cuidadosa revisão bibliográfica, em que se realiza um diálogo entre questões e desafios que emergem no ambiente escolar e ideias e categorias que compõem o universo conceitual-filosófico. Como conclusão, considera que ensinar e aprender pode ir além da razão, o que supõe o risco passional de sairmos do que está cristalizado por um processo de colonização do saber, do ser, do existir, do viver e ... do educar e da prática docente.

No capítulo *A relevância histórica da inter-relação entre ética e educação no processo pedagógico*, Clayton Ribeiro da Trindade faz uma reflexão sobre ética e educação, na qual considera a primeira como uma disciplina da filosofia responsável pela área do conhecimento que estuda o comportamento do ser humano, podendo servir e contribuir com a sua formação, uma vez que o ser humano, desde a mais tenra idade, é orientado por princípios morais e éticos, visando promover a sua autonomia para a vida social.

Cristina Miranda Duenha Garcia Carrasco, no capítulo *Ética, educação e formação de professores/as* relata de maneira introdutória a relação que existe entre a ética e a educação, visto que ambas fazem parte da realidade humana e estão inseridas no contexto diário da sociedade. O estudo foi realizado por meio de referencial teórico, com base nos estudos de diversos autores da área, como base de estudo por meio de livros, revistas, periódicos, sites, biblioteca digital, entre outros. Como conclusão, observa-se a relação que existe entre a disciplina de ética, o estudo da educação e a formação de professores

em que uma está interligada a outra e ambas estão em prol de uma vida qualitativa ao ser humano.

O quinto capítulo, de Camila Rodrigues Batista Neta, Jessyca Eiras Jatobá Santos e Jaqueline Ferreira Rodrigues, denominado *Devir-escola: por saberes que não se reduzam ao uno*, buscou, por meio da *geofilosofia*, reconhecer territórios do que está posto para a filosofia e realizar as devidas aproximações com o campo da educação, ambicionando novas relações pedagógicas, afastando-se de uma antropologia como *analítica da finitude*, como uma *imagem dogmática do pensamento*, em direção a um *pensamento sem imagem*. Em vista do estudo dos *modos de problematização e da subjetivação* e da noção de genealogia de Michel Foucault e de cartografia de Gilles Deleuze e Félix Guattari a ideia é tornar possível mapear alguns processos que constituem o sujeito sem que, para isso, precisássemos subjugar-lo ao universal.

Em *A violência no ambiente escolar: bullying e seus desdobramentos*, Gelci Saffiotte Zafani, Fabiola Colombani e Thaís Yazawa traz uma breve caracterização da violência no universo escolar dando ênfase ao tema do *bullying*. Por meio de um levantamento bibliográfico de pesquisas atuais da área, buscou-se compreender suas características, o perfil dos envolvidos, as possíveis causas, as consequências e o *cyberbullying* - fenômeno recorrente nas últimas décadas que preocupa a comunidade escolar por seu crescimento e impacto social. A violência é um fator de risco mutável que se transforma ao longo da história e sofre influência cultural, o que aumenta sua complexidade pela própria dificuldade em mapear as motivações e construir um plano de combate eficaz e duradouro, uma vez que demanda da compreensão atualizada do cenário e do território em que essas ações acontecem.

O capítulo intitulado *Aprendendo com os povos indígenas a decolonizar o imaginário: educação intercultural e decolonial na formação de professores/as*, de Genivaldo de Souza Santos e Reinaldo Matias Fleuri se propõe refletir acerca de uma pergunta realizada no campo da didática e da formação de professores e que pode ser formulada da seguinte maneira: o que podemos aprender com os povos indígenas em como decolonizar o imaginário? Trata-se de uma questão que traz consigo tanto uma carga ético-política, por, de antemão, reconhecer uma alteridade constitutiva da nossa subjetividade, e fazendo isso, inverte a relação colonizadora tradicionalmente estabelecida, que assume a forma da relação dialética entre ser – não ser, na qual o colonizado é destituído de toda potência do ensino, na medida em que o valor epistemológico dos seus saberes foi/continua sendo estrategicamente esvaziados e classificados como meras crenças e superstições.

No capítulo de Iranilde Ferreira Miguel, *A ética da alteridade e do diálogo são possíveis na Base Nacional Comum Curricular?*, discute-se os limites de uma educação como prática de liberdade na perspectiva do pensamento freireano e da alteridade do pensamento levinasiano, tendo em vista que as políticas públicas educacionais reformistas dos últimos 30 anos, entre elas a BNCC, têm caminhado no sentido de transformar a educação em uma mercadoria e a escola em uma empresa. Recorrendo à pesquisa bibliográfica qualitativa e tomando as análises marxistas como referência, o texto pretende indicar as implicações das relações econômicas e sociais no campo educacional. Sem se prender a este caminho, busca-se dialogar com outros saberes, o que faz se aproximar do pensamento lévinasiano e freireano, procurando detectar a presença da alteridade, ética e dialogicidade na BNCC.

No capítulo nove, de Mariana da Costa Santos, intitulado *Um olhar afetivo para educação: A imanência dos afetos em Espinosa*, o objetivo é promover uma reflexão sobre uma educação que possa e estimule os afetos dentro dos processos educacionais. Parte-se da ideia de que a escola hoje tem função de reproduzir conhecimento de forma quantitativa, uma vez que as exigências para o mercado de trabalho são pessoas cada vez mais capacitadas para essa área, sem um olhar para formação como seres humanos, dotados de subjetividades, singularidades e de afetividade. Quando isso não ocorre, passamos a ser "máquinas" de adquirir e de transmitir conhecimentos. Para trazer um outro olhar para as relações escolares, nos fundamentamos na teoria dos afetos, que é a relação como os corpos afetam e são afetados por outros corpos, a unidade entre corpo-mente, o pensamento do filósofo Baruch de Espinosa é convocado. Assim, como conclusão e sugestão, considera que no ambiente escolar é possível estabelecer encontros potentes, que podem promover um ensino ativo e autônomo, através do reconhecimento e "reconhecimento" dos afetos como parte da construção educacional e humana, uma vez que eles fazem parte da nossa natureza.

Naiana Leme Camoleze Silva, no capítulo *Educomunicação, ética e fake news: o papel da escola no combate a notícias falsas* tem como propósito debater a Educomunicação pela perspectiva da Ética, promovendo diálogos sobre a importância dos aspectos filosóficos aplicados à educom, visando contribuir com a capacitação do professor-educomunicador, discussão está preocupada com a promoção de práticas educacionais inclusivas e com responsabilidade ética no combate a notícias falsas, ou "fake news".

O capítulo *A educação emocional, cognitiva e moral pode contribuir para a melhoria do ensino-aprendizagem?*, de Regina Helena

da Silva Leite apresenta como a educação emocional, aliada ao desenvolvimento moral e cognitivo, pode contribuir para a melhoria do ensino-aprendizagem e promover mudanças no ambiente social e psíquico dos alunos e professores por meio de práticas psicopedagógicas, melhorando a inteligência emocional dos envolvidos, assim como maior participação e concentração dos alunos. Trata-se de um texto construído por meio de uma pesquisa bibliográfica, desenvolvida a partir da observação do cenário educacional e da obra específica sobre educação emocional de Juan Casassus, apoiadas principalmente pelos referenciais teóricos de Piaget, Kohlberg, Goleman e outros autores. Os resultados obtidos demonstram cenário favorável, porém também desafios a serem vencidos e problematizados para que se avance na melhoria do ensino-aprendizagem.

*Ywypóry rekó e'y rupi: em sala de aula*, de Sueli do Nascimento, é um capítulo que tem como proposta refletir acerca de nosso compromisso com os povos originários e com a nossa Pacha Mama, a Mãe Terra, que requer (re)existir em nossas práticas em sala de aula. Parte de pesquisa em desenvolvimento, o texto promove diálogos e reflexões que possam concorrer para proposições por um bem-viver em nossas práticas pedagógicas, num contexto regido por normas e estratégias individuais, ou coletivas, apresentadas, muitas vezes, numa visão sob uma diversidade reduzida às diferenças apreendidas na ótica da cognição (bom ou mau aluno, entre outros atributos classificatórios de parte de quem ainda se considera colonizador). Na direção de uma *escutatória-dialogal* a temática nos convida a partilhar nosso saber para fortalecer o compromisso entre os povos, a Pacha Mama e a sala de aula.

No capítulo treze, intitulado *A Ética em Espinosa e a Educação: uma introdução*, Viviane Mayumi Resende Uenaka visa compreender,



à luz do pensamento espinosano, em que medida esta filosofia, sobretudo a ética imanentista, dialoga com a filosofia da educação. Busca-se apontar possíveis heranças pedagógicas deixadas por Espinosa no campo da educação e, a partir dessas contribuições, faz-se possível pensar em uma educação mais potente, ou seja, mais ativa e livre.

No capítulo de Zelina Cardoso Grund, denominado *As relações movidas pela ética e alteridade na educação: escola e formação do indivíduo*, tem como objetivo discorrer sobre os valores morais necessários na conduta ética das pessoas, as quais devem fazer parte do conhecimento e cultura escolar, o que requer a implementação de políticas públicas educacionais voltadas para este fim. Como contribuição, neste texto propõe-se fazer um levantamento das produções acadêmicas publicadas no Portal Brasileiro de Publicações e Dados Científicos em Acesso Aberto Oasisbr.ibict.br sobre os valores éticos na educação no período de 2012 a 2021. A metodologia utilizada na investigação foi a pesquisa bibliográfica “online” e documental.

No capítulo *A prática docente em Paulo Freire e as implicações de uma postura afetiva no processo educativo*, de Ricardo Francelino e de Rafael Santos de Aquino, visa trazer para o debate a contribuição do Patrono da Educação no Brasil que apontou para o conhecimento como processo de construção coletiva e que os sentimentos e emoções são partes constituintes que impulsionam os seres humanos a um determinado estado de ação, ou muitas vezes de não-ação. Segundo o texto, Freire buscava por meio de suas práticas despertar em seus alunos a esperança e a autonomia na perspectiva da transformação da realidade e a conquista da igualdade social tão almejada, valorizando o contexto sócio-histórico de cada comunidade periférica, esquecida e a cultura presente nas vivências cotidianas.

Por fim, Manuel João Mungulume, no seu capítulo intitulado *O caráter intercultural da educação: fundamentos de uma filosofia inclusiva em tempo de (des) colonização*, desenvolve a ideia de que a educação intercultural não deve ser vista como simples lema do nosso tempo, mais do que isso, deve ser uma categoria que fundamenta os espaços educativos, permeando a formação humana nas práticas pedagógicas, pois, vivemos numa época propícia para que a educação intercultural perpassa em todos os espaços educativos. Defende a proposta de que o diálogo intercultural é uma necessidade e desafio da escola, da faculdade e da sociedade em geral, de modo a ultrapassar as filosofias dominantes e imperialistas, que se colocam como superiores e protagonistas da ação civilizatória.

Os textos aqui compartilhados querem se unir às lutas, às ações e às reflexões dos professores que, diuturnamente, têm se dedicado ao processo de formação de crianças, jovens e adultos, mas que nem sempre encontram guarida e apoio teóricos e práticos à labuta cotidiana. Esperamos que ao lerem todos ou alguns dos capítulos desta coletânea, fortaleçamos o diálogo entre a pesquisa e o ensino, entre a Universidade e a escola para o nosso bem estar mental, físico, intelectual e moral bem como nos reanimem e nos dê o suporte necessário para novas descobertas, encontros, construções e desconstruções em nossos modos de ser, estar, agir, pensar, enfim, viver a educação.

*Prof. Dr. Alonso Bezerra de Carvalho*  
Unesp/Marília.

